



## **Jornal O Ceará: Exemplo de Mídia Combativa na Década de 1920<sup>1</sup>**

Lucíola Limaverde<sup>2</sup>

Gilmar de Carvalho<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE

### **Resumo**

Esta pesquisa pretende traçar um panorama da atuação do jornal *O Ceará* e das principais questões por ele abordadas. Exemplo de jornalismo crítico e independente, o periódico circulou entre os anos de 1925 e 1930, combatendo o abuso das oligarquias, o coronelismo com seu voto de cabresto e as contradições da Igreja Católica. Percebia origens sociais e econômicas em movimentos como o Cangaço. Neste trabalho, a metodologia foi o estudo de caso analítico, na medida em que foi traçado o fenômeno da emergência de um jornal combativo dentro das especificidades de sua época. Foi interpretado o lugar ocupado pelo *O Ceará* no fazer jornalístico do período, estruturando sua colocação no mercado editorial cearense. Por meio dos editoriais e das matérias publicados, foram discutidas a posição daquele periódico acerca dos principais problemas enfrentados pelos cearenses na República Velha.

### **Palavras-chave**

História do Jornalismo; República Velha; Nordeste; Cangaço; Igreja Católica.

### **Introdução**

O jornal *O Ceará* foi fundado por Júlio de Matos Ibiapina e circulou na cidade de Fortaleza entre os anos de 1925 e 1930. Antes de fundá-lo, Ibiapina havia passado longa temporada na Europa e, no retorno, foi ser redator-chefe do jornal *Diário do Estado*. Ingressou na Faculdade de Direito do Ceará e, mesmo não tendo concluído o curso, chegou a ser professor no Liceu, na Escola Normal e no Colégio Militar do Ceará. Escreveu diversos livros didáticos, especialmente sobre línguas estrangeiras (NOBRE, 1996).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: lulimaverde@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador da pesquisa, professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: gildecarr@uol.com.br



Júlio Ibiapina fez parte da Academia Cearense de Letras (ACL) e foi sócio-fundador da Associação Cearense de Imprensa (ACI), entidade da categoria jornalística surgida em 1925. Adepto do Positivismo, as idéias do filósofo francês Augusto Comte iriam influenciar a obra do jornalista cearense. Desse modo, era esperado que o progresso como meta e o incitamento da cientificidade permeassem os textos do jornal *O Ceará*.

Não é à toa que começamos este artigo falando da trajetória, da formação e das tendências ideológicas do fundador do jornal a ser analisado. Se hoje os donos de jornais são empresários que, quando muito, gerem a parte administrativa ou financeira do jornal, no início do século passado o proprietário do veículo era geralmente o próprio diretor ou redator-chefe da publicação, escrevendo diretamente os editoriais e cuidando das pautas na redação. A escrita era, pois, muito mais apaixonada e trazia inconfundíveis marcas pessoais de quem a produzia.

A relação intensa e profunda entre o jornal *O Ceará* e seu fundador é declarada no editorial de 13 de fevereiro de 1927, em que se diz:

“Porque O CEARA’ é o nome de seu fundador e dirigente, é a sua bandeira, é o seu programma.

“Quem diz O CEARA’ diz J. de Matos Ibiapina. Reflexo de seu pensamento, tribuna de onde são lançadas ao povo as suas idéias de reforma, este jornal desapareceria, no dia em que deixasse de estar intimamente ligado ao nome de seu creador”

### **O cenário jornalístico no Ceará na época**

Atualmente, o jornalismo brasileiro, refletindo o modelo norte-americano, é pautado por um ideal: o da objetividade, que exige do jornalista, ao escrever a matéria, ter em mente a imparcialidade, a isenção e a neutralidade (AMARAL, 1996). As publicações cearenses do início do século XX, entretanto, ainda se caracterizavam pela assumida inclinação político-partidária, pelas opiniões explicitamente defendidas ao longo de todo o jornal, inclusive nas notícias factuais.

Dizer da forte presença opinativa e subjetiva nos periódicos daquela época não é suficiente para descrever a atividade jornalística então reinante. Segundo Abelardo Montenegro, “não se compreendia jornalismo político sem sarcasmo, injúria, calúnia. Tolerância significava frouxidão”, sendo a linguagem adotada “violenta, numa



incessante permuta de vitupérios e insultos, num constante atassalhar de honra e dignidade” (MONTENEGRO, 2002, p.18).

Vale lembrar que, naquele tempo, os jornais ainda não se caracterizavam como sendo empresas com o lucro por meta. Os periódicos eram, então, muito mais instrumentos de poder do que fonte de renda. De acordo com Werneck Sodré, em seu livro *História da Imprensa no Brasil*, “nos outros Estados [que não os do Sudeste], a imprensa estava ainda na transição da fase artesanal para a fase industrial, no início do século XX; são raros os jornais de província com estrutura de empresa” (SODRÉ, 1999, p. 324).

Os inimigos partidários – ou mesmo os pessoais – do responsável pelo periódico eram sistematicamente atacados e perseguidos, os interesses personalistas eram encarniçadamente defendidos; era comum jornais atacarem uns aos outros, a competitividade era manifesta. Sodré nos conta ainda que “a matéria principal deles [dos jornais de província do período] é também a política, e a luta política assume, neles, aspectos pessoais terríveis, que desembocam, quase sempre, na injúria mais vulgar” (SODRÉ, 1999, p. 324).

Em meio a esse contexto, *O Ceará* se definia como um jornal que tinha por interesse maior o benefício da coletividade, lutando pelo bem da maior parte da população – os menos favorecidos econômica e socialmente. Desse modo, a publicação costumava afirmar que não se filiava a nenhum partido, assim como que não defendia nem criticava determinado governo pelo simples fato de ser seu inimigo político, mas sim porque ele havia dado motivos para tal.

E motivos não haveriam de faltar nunca. Conforme será mais bem descrito no decorrer deste trabalho, o Ceará da época vivia uma fase de poucos direitos, o povo em péssimas condições de vida tanto no interior quanto na Capital. Os abusos políticos, fossem dos coronéis ou da polícia, proliferavam na certeza da mais absoluta impunidade. Os Presidentes do Estado – como eram chamados os governadores da época – fechavam os olhos a toda essa realidade.

Torna-se fácil constatar que o discurso de apartidarismo adotado pelo *O Ceará* é hoje corrente nas mídias em geral, mesmo nas mais tendenciosas e vinculadas a estes ou aqueles políticos, numa tentativa de fazer com que o leitor acredite que está a consumir a pura verdade através daquele veículo. Importante é ressaltar que, à época do *O Ceará*, o comum era a divisão ideológica assumida e visível por parte da imprensa.



Apesar disso, não podemos antever no *O Ceará* a prática de um jornalismo que se quer neutro, que não escolhia um lado, pois segundo Abelardo Montenegro, no livro que biografava o jornalista fundador daquele periódico, Ibiapina

“não seria um jornalista imparcial, mas um jornalista comprometido. Não dissimularia valores que, axiologicamente, orientavam o seu espírito. Não poderia haver imparcialidade entre as injustiças sociais e a necessidade de reforma, entre o atraso e o desenvolvimento” (MONTENEGRO, 2002, p. 30).

O número de títulos circulando em Fortaleza na década de 1920 era enorme se comparado ao de hoje, quando apenas três periódicos (*O Povo*, *O Estado* e *Diário do Nordeste*) disputam a preferência de público da nossa capital. Além de numerosas, as publicações daquela década foram quase completamente renovadas em relação à anterior, já que, de todos os jornais que circulavam antes de 1920, apenas o *Correio do Ceará* e o *Unitário* permaneceram.

Entre os jornais surgidos naquele período, além do *O Ceará*, em 1925, estão: *Diário do Ceará* (1920), *A Tribuna* (1921), *O Nordeste* (1922), *Jornal do Comércio* (1924), *Gazeta de Notícias* (1927) e *O Povo* (1928). Mais de uma dezena de outros periódicos, tendo tido essa curta duração, surgiram nos anos de 1920, dentre os quais se destacam *A Esquerda*, *O Combate* e *O Imparcial*.

Se por um lado o jornal católico *O Nordeste*, como veremos mais adiante, era inimigo feroz do *O Ceará*, este encontrava suas afinidades em outros órgãos. O periódico de Ibiapina, nos primeiros anos de sua existência, teve em seu quadro o jornalista Demócrito Rocha, que, em 1928, fundaria o jornal *O Povo*, em circulação até hoje.

Compartilhando de semelhantes ideais, os dois matutinos trocavam cumprimentos muito respeitosos e elogiosos entre si em eventuais matérias, como na edição do *O Ceará* do dia 9 de janeiro de 1930. Na ocasião, *O Povo* completava dois anos de fundação, e ao “vibrante collega” do *O Ceará* eram direcionados os votos de “vê-lo sempre prospero e forte, como sentinella avançada que é, da defesa da causa publica”.

Além de *O Povo*, o jornal *O Ceará* também mantinha certa sintonia de idéias com outros jornais a ele contemporâneos. Um deles era *A Razão*, surgido em 1929 sob direção de Raimundo Monte Arraes. Com duração limitada a cerca de seis meses, a



publicação era tratada amistosamente pelo jornal de Ibiapina como “nossa brilhante confeira”.

O jornal *A Esquerda*, fundado por Jáder de Carvalho em 1928, contou com a divulgação e apoio do *O Ceará*. A sua chegada foi anunciada como o surgimento de um “diário político independente”. Tendo tido duração inferior a um ano, o periódico possuía nítido espírito libertário. Apenas em 1947 Jáder lançaria um jornal mais duradouro: o *Diário do Povo*, que teria “como traços de sua linha editorial algumas das características de seu criador (...): independência, combatividade e destemor” (SALGADO, 2003, p. 201).

### **Um jornal e seus ideais**

Segundo Djacir Menezes, que inclusive escrevia diariamente no *O Ceará*, aquela publicação “encarnou os ideais de renovação de costumes políticos dentro da ideologia republicana”. Para ele, Matos Ibiapina “traçou a diretriz contra todas as facções que lutavam mesquinamente por empolgar as rédeas do Estado” (MENEZES, 1995, p. 150).

Para Montenegro, Ibiapina resolver fundar um jornal que não se conformasse com o estado das coisas, “mas que se posicionasse declaradamente em prol da regeneração dos costumes políticos e do aperfeiçoamento da prática democrática e pela melhoria das condições de vida das populações urbanas e rurais” (MONTENEGRO, 2002, p. 27).

José Marques de Melo lembra que “está distante aquela prática de redação dos editoriais nos velhos jornais e revistas, cuja tarefa era desempenhada pelo ‘dono’, ou seja, pelo jornalista-proprietário” (MELO, 1985, p. 81). Mas foi nessa época já distante dos dias atuais e do fazer jornalístico contemporâneo que viveu o diário *O Ceará*.

Os editoriais daquele jornal se caracterizavam pelo caráter sociológico, indo além da superficialidade do factual ou de uma análise leviana dos fenômenos próprios do período. Nesses artigos, o acontecimento era analisado de modo profundo, contextualizando a realidade da época e apontando possíveis causas sociais para determinado problema. Conforme Montenegro,



“Júlio de Matos Ibiapina, em seus editoriais, realizou verdadeiros estudos de sociologia regional, focalizando os fenômenos sociais e políticos, entre os quais o fanatismo religioso, o cangaceirismo, o banditismo político, o contrabando e os partidos políticos” (MONTENEGRO, 2002, p.42).

Os textos eram racional e nitidamente marcados pela ironia e pela utilização de técnicas de retórica para comprovação lógica de um argumento. Com elegância e sem se utilizar da linguagem brusca tão comum ao jornalismo da época, *O Ceará* rebatia opiniões contrárias comprovando empiricamente que elas eram infundas, e defendia as suas de modo contundente mas razoável.

Segundo Roland Barthes, a retórica é “verdadeiro império, mais vasto e mais tenaz que qualquer império político, pelas suas dimensões, pela sua duração, faz abortar o próprio quadro da ciência e da reflexão históricas, ao ponto de pôr em causa a própria história” (BARTHES, 1987, p. 22). O jornal aqui analisado demonstrava ter grande noção da soberania da boa colocação das palavras e dos argumentos, mas tendo em mente que para convencer alguém de algo é preciso de provas reais, de enredos concretos para conduzir o leitor ao longo de sua dedução lógica.

Uma das mais relevantes marcas do jornal *O Ceará* para que possamos entender seu posicionamento ideológico é, sem dúvida, seu anticlericalismo. É relativamente comum que a crítica às incoerências da Igreja Católica ao longo da História acabe no questionamento à validade científica da religião ou na crítica ao Cristianismo de modo geral. Porém, o periódico aqui analisado, muito inteligentemente, se utilizava de passagens bíblicas e dos próprios ensinamentos de Jesus Cristo em sua argumentação para demonstrar as contradições do catolicismo dentro daquilo que ele se propunha a ser: cristão.

O jornal *O Nordeste*, que circulou diariamente na capital cearense entre 1922 e 1967, era veículo eminentemente católico, amparado pela Arquidiocese de Fortaleza. Ele tinha tendência “situacionista, talvez com o objetivo marcado de ganhar as graças do Poder para angariar anúncios” (MESQUITA; CARVALHO, 1985, p. 28).

Esse periódico se referia ao *O Ceará* como um jornal “bolchevista” ou “o órgão russo”. O embate entre os dois jornais era às claras, um chegando a mencionar o outro em seus artigos de fundo ou ao longo das páginas, comentando matérias do dia anterior ou algum acontecimento negativo relacionado ao periódico e à sua ideologia.

O jornal *O Ceará*, por seu jornalismo crítico que questionava as contradições do Catolicismo, chegou a ser excomungado pela Igreja. O texto da condenação, lançado a 6



de outubro de 1926, foi publicado na íntegra por mais de uma vez na primeira página do *O Nordeste*. Nele, era declarado que “a nenhum catholico é licito ler, assignar ou proteger directa ou indirectamente o referido jornal – O Ceará”.

Àquela época, o peso da Igreja na sociedade brasileira e principalmente na cearense ainda era enorme; a despeito disso, a tiragem do *O Ceará* aumentou após a excomunhão, conforme garantia o próprio periódico, referindo-se ironicamente ao *O Nordeste* como “os nossos propagandistas”.

A apenas teórica suspensão da leitura do jornal entre os católicos virou motivo de piada no *O Ceará*. No dia 16 de outubro de 1926, o periódico afirma que, no dia anterior, o *O Nordeste* lhes rebatera algumas alegações. Mas como, se aos católicos era proibido ler aquele jornal? E questiona, levando em conta as palavras do documento de excomunhão, em que a mera leitura do jornal ficara proibida: “Como se explica este facto? Ou os jornalistas do *O Nordeste* não são mais catholicos ou a [nossa] condenação foi suspensa. Desse dilemma não é possível fugir”.

Um artigo datado de 10 de outubro de 1926 e assinado pelo então estudante de Direito e colaborador do jornal Moésia Rolim tem por título: *Christo e Karl Marx - apostolos da miseria humana*. No texto, o articulista discorda de um professor da Faculdade de Direito que se negava a ensinar a doutrina de Marx porque “tais theorias, por incendiarias, não mereciam as menores referencias de um patriota que educa a juventude. (...) Ensinar aos môços carolas da Faculdade semelhantes doutrinas era subverter a alma da adolescencia mística (...)”.

Logo depois, Rolim argumenta que “estariamos de accordo com o illustre mestre, se, no programma, tambem, fôssem esquecidas as doutrinas daquelle grande Karl Marx da Judéa”. Fazendo uma audaciosa comparação, ele declara:

“Tão extraordinario quanto os mais ardorosos socialistas dos nossos dias, Christo, o bom, o meigo, o justo, o philosopho notavel daquelles tempos de barbaria social, arrojou na alma da Betania, no regaço da plebe miserável e perseguida, as mesmas sementes de felicidade humana que os evangelizadores russos lançaram no coração torturado do velho urso polar.

“Tão gigantesco quanto os mais ardorosos socialistas dos nossos dias, Christo, o rebelde formidavel, o demolidor convincente e magico prégou a destruição da injustiça social que produz o pária desgraçado e levanta, sobre os escombros da miséria humana, o altar do Molech carthaginês – o capitalismo insaciavel.”



Pode-se perceber que, ao criticar os preconceitos ideológicos dos que se filiavam à Igreja, o caminho utilizado não foi a simples defesa do ateísmo ou a negação de qualquer benefício da religião sobre a sociedade; ao contrário, o teor das palavras de Jesus foi exaltado, mostrando-se grande reverência aos seus ensinamentos.

A comparação de Cristo a Karl Marx, argumentando-se que ambos desejavam o fim de uma sociedade injusta, é audaciosa e muito provavelmente poderia ser considerada pela Igreja como abuso ou blasfêmia, já que esta não era muito afeita às idéias marxistas. A despeito de tudo, o jornal, através de seu articulista, consegue deixar de lado qualquer conceito pré-estabelecido para formar um raciocínio pertinaz.

O periódico também se mostrava contrário ao preconceito racial existente naquela sociedade. Em matéria de 30 de outubro de 1926, de título *O Collegio de Jesuitas em Baturite – as immoralissimas condições de matricula*, é denunciado que um dos requisitos para candidatar-se aos estudos seminaristas era a alvura da pele. No artigo, é feita uma crítica severa aos jesuítas, que haviam construído seu espaço através de doações do comércio de Fortaleza e do interior do Estado:

“Todos os pretos, todos os mulatos, que pelas leis do paiz, podem ter acesso a todas as posições da vida publica e particular, não conseguem, mesmo pagando, inscrever-se em um collegio destinado á formação de padres.

“E a expulsão, da Igreja, dos elementos de côr, é a negação mais perfeita do espirito da moral christã (...)

“Então, para que um individuo possa exercer o ministério de Christo, delle que vivia entre pobres e lazaros, é preciso ser branco e ter ‘o posterior aprazível’?

“Veja o povo cearense, brancos, prêtos e mulatos, como nos tratam estrangeiros expulsos de suas patrias e que aqui se installaram á nossa custa!”

Antes, no artigo, fora frisado que o número de brancos em nossas terras é insignificante, o que tornaria ainda mais absurda a exigência dos padres. Interessante perceber como o jornal identificava nosso povo como miscigenado, independentemente da aparência fenotípica da pele de alguns que muitas vezes se diziam brancos: na veia de todos havia o sangue de negros e índios. Essa consciência que muitos brasileiros, em nossos dias, não têm, já era defendida e assumida pelo periódico da década de 1920.

Outro ponto defendido pelo jornal que merece ser aqui assinalado era o dos direitos das mulheres. Vários artigos foram escritos defendendo o voto feminino e criticando o fato de a Igreja ser contra tal inovação. O divórcio também era um tema



constante nas páginas do periódico, sendo que os brasileiros só tiveram esse direito garantido em 1977.

### ***O Ceará contra as políticas errôneas***

A chamada República Velha, instaurada no Brasil depois da Proclamação da República, em 1889, e estendida até a chamada Revolução de 1930, em que Getúlio Vargas tomou a Presidência, foi marcada pelo voto de cabresto, em que as pessoas eram coagidas a votar em determinado candidato, e pelas oligarquias, ou seja, a alternância de políticos pertencentes a um mesmo grupo. A Oligarquia Aciolina, por exemplo, governou o Ceará entre 1896 e 1912, tendo à frente do grupo o político Nogueira Acioly. O jornal *O Ceará* condenava duramente esse tipo de nepotismo, como na edição do dia 13 de novembro de 1926:

“Algumas famílias, por terem, por acaso, conquistado as graças do poder, nos primeiros anos da República, vêm alternadamente distribuindo entre os seus as posições mais eminentes da política, como se o mandato popular fosse uma delegação divina a esses aproveitadores da causa pública”. (apud MONTENEGRO, 1980, p. 107).

No interior nordestino, os latifundiários, que muitas vezes compravam a patente da Guarda Nacional e tornavam-se “coronéis”, dominavam política e economicamente a região, e os sertanejos viviam sob penosas condições, sofrendo com a péssima qualidade de vida, subjugados à vontade dos poderosos. Sem direito mesmo à alfabetização, viviam completamente à margem dos processos políticos.

Nesse período, dois fenômenos começaram a se espalhar pelo interior do Nordeste: de um lado, grupos de cangaceiros saqueavam fazendas e armazéns, vivendo de modo nômade pelo sertão. De outro, havia o chamado “fanatismo”, com o surgimento de seitas místicas que giravam em torno de beatos, monges ou conselheiros; nelas, o Catolicismo, religião dominante de então, mesclava-se a crenças ancestrais na formulação de uma religiosidade popular.

Algumas teorias mais recentes consideram essas duas manifestações como sendo a revolta do homem do campo contra a classe dominante que lhes impunha a opressão. Ambos teriam a mesma origem: a exploração a que era submetido o sertanejo pelos grandes latifundiários. Como bem lembrou Rui Facó, em seu livro *Cangaceiros e Fanáticos*:

“Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma ‘saída’ nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos ‘fanáticos’, em torno de beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor. (...) Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo” (FACÓ, 1983, p.21).

Entretanto, a explicação para o cangaço nem sempre foi essa. Entre o final do século XIX e o início do século XX, estudiosos como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Lourenço Filho atribuíram o banditismo ao fator racial, à mestiçagem tipicamente brasileira. E, para eles, como não se podia mudar esse quadro, visto que a “tendência criminosa” seria algo intrínseco ao organismo daquela pessoa, o cangaço jamais teria solução.

Embora hoje essas teorias pareçam risíveis, havia hipóteses ainda mais esdrúxulas. Rui Facó narra a especulação de um policial militar de Pernambuco, perseguidor de Lampião: segundo ele, já que não havia no Nordeste insetos mordedores e mortíferos em grande quantidade – como carrapatos e maruins – quanto existiam em outros Estados, os cangaceiros proliferaram por aqui (FACÓ, 1983).

A despeito desses determinismos, Facó explica com sensatez: “Sem terra, sem ocupação certa, a mais brutal exploração do seu trabalho, revoltar-se-iam qualquer que fosse a dosagem de seu sangue, sua origem racial, o meio físico que atuasse sobre seu organismo.” (FACÓ, 1983, p. 40).

Júlio de Matos Ibiapina também repudiava aquelas idéias eurocêtricas. Na edição de 20 de novembro de 1925, ele afirma:

“Ao contrário do que se pensa, não são [os cangaceiros] indivíduos tarados, nascidos para o crime. Essa teoria, sistematizada por Lombroso e que entre nós tem justificado a exterminação pela morte, dos bandoleiros, é, em face dos progressos da psicologia moderna, um amontoado de erros dos mais perigosos efeitos sociais. Ninguém nasce tarado para o crime como ninguém nasce tarado para a virtude. (...) Em fisiologia não há o bem nem o mal. Todas as nossas qualidades são adquiridas pelo ambiente em que vivemos.” (apud MONTENEGRO, 2002, p. 47)

Na edição do dia 29 de junho de 1927, seria afirmado profeticamente: “Mas os bandoleiros de Lampião, assim como os de Antônio Conselheiro, hão de encontrar os seus historiadores que virão mais tarde, com o ferro em brasa, deixar o estigma na fronte dos verdadeiros culpados” (apud MONTENEGRO, 1973, p.181). A utilização da frase “historiadores que virão *mais tarde*” (grifo nosso) comprova que, de fato, a

explicação social para o cangaço não era a opinião corrente na época em que o jornal afirmou isso.

Assim, vê-se que o periódico analisado não se deixava influenciar pelas teorias de cunho racista em vigor na época. Com opinião forte, *O Ceará* opunha-se ao determinismo que não levava em conta fatores culturais, sociais, políticos e econômicos do ambiente em que o indivíduo estava inserido para tentar compreender certo fenômeno humano.

Notícias em que a polícia era condenada por ser ineficiente no combate ao banditismo ou por cometer injustiças contra as pessoas mais pobres eram freqüentes no jornal *O Ceará*. É na segunda situação que se encaixa a notícia de 30 de setembro de 1926, *Lampeões em Fortaleza – espancado pela policia sem saber porquê*. Na matéria, é contada a história de um “engraxador” que, ao voltar pra casa, foi agredido por policiais sem nenhum motivo aparente. E o jornal questiona: “Será para isso que o povo cearense gasta 1.800 contos anuais a policia?”.

O veículo, algumas vezes, lembrava que casos como esses poderiam ser frutos da má orientação recebida da polícia pelo governo. No editorial de 6 de janeiro de 1928, sob o título *A culpa não é da policia, mas do Presidente do Estado*, o então governador do Ceará, desembargador Moreira da Rocha, é criticado veementemente: “Examinemos a actuação do Estado em beneficio dos desprotegidos e chegaremos á conclusão de que, á parte as garantias da ordem publica, tudo mais lhe é estranho, não visa o seu bem-estar”.

Após citar exemplos da ineficiência do governo nas áreas de instrução pública, higiene e justiça, o jornal resume:

“Poderíamos enumerar todos os serviços publicos e a conclusão seria a mesma – no Brasil os governos só se exercem para a minoria.

“O povo, isto é, a maioria, que, constitucionalmente, devia influir nos destinos da Republica, esse de há muito resumiu seus ideais a isto – liberdade de viver, de trabalhar.

“O filho do plantador de algodão, do vaqueiro, do batedor de cera de carnhuba, do pequeno operario, este continu’ a hoje, relativamente, no mesmo obscurantismo dos tempos da monarchia (...)”.

Ao se referir ao povo como a maioria que deveria influir nos destinos da República, o jornal *O Ceará* menciona um conceito ainda tão distante naquela época: o da democracia. Apesar da queda da monarquia e do advento da República, o povo



continuava inteiramente excluído do processo de decisão sobre a vida pública, além de sofrer com o descaso das autoridades.

Ao mencionar os filhos dos mais pobres, o jornal demonstra preocupação com o futuro: quantas gerações ainda viveriam aquelas situações? Ao denunciar as condições impróprias e até desumanas da sociedade em que se inseria, o *O Ceará* ajudava a refletir sobre as vicissitudes daquele tempo e sobre as potenciais soluções para a construção de uma sociedade mais próxima da sonhada pelos idealistas que faziam aquele periódico: a dignidade de vida para todos.

### **Considerações finais**

Este trabalho constitui um ponto de partida para que o jornal *O Ceará*, que até hoje teve ínfimo espaço na pesquisa e na produção acadêmica cearense, seja mais profundamente estudado posteriormente. A ausência de um acervo completo e bem conservado desse periódico embaraça a feitura de uma pesquisa mais completa, tendo sido às vezes necessário recorrer a fontes secundárias. Sobre o jornal em si, o que podemos adiantar a partir desta breve análise é que o periódico destaca-se por ter estado na vanguarda das idéias sociológicas, apresentando sensibilidade e consciência ao tratar de questões ligadas aos menos favorecidos socialmente.

O jornal preocupava-se ainda com a racionalidade dos argumentos, apresentando retórica apurada e sagacidade de raciocínio. Essa característica pode ser resultado da soma entre a visão social acurada dos jornalistas do *O Ceará* ao fato de boa parte deles serem estudantes ou graduados em Direito, ciência que prima pela capacidade de persuasão através das palavras. Este trabalho, por pretender uma visão mais geral da importância do jornal em determinado contexto histórico e jornalístico, não se ateve mais demoradamente a esse aspecto. Entretanto, o viés do emprego da retórica naquele jornal é pertinente e poderá ser utilizado em pesquisas futuras sobre a referida publicação.

De todo modo, viu-se que o jornal analisado é de grande valor para refletirmos acerca da possibilidade de um jornalismo engajado e crítico. Além disso, ele é exemplo de veículo questionador e inconformado com o que há de errado no meio em que vive, podendo servir de referência para um debate sobre o jornalismo exercido ao longo da História e o que é feito atualmente.



## Referências

- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra – D.C Luzzato, 1996.
- BARTHES, Roland. **A Retórica Antiga**. In: \_\_\_\_\_. A aventura semiológica. Edições 70: Lisboa, 1987.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e Lutas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**. Fortaleza: Casa de José de Alencar (UFC), 1995.
- MESQUITA, Vianney; CARVALHO, Gilmar. **Estudos de Comunicação no Ceará**. Fortaleza: Edições Agora, 1985.
- MONTENEGRO, Abelardo. **Fanáticos e cangaceiros**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Júlio de Mattos Ibiapina: um pioneiro da sociologia regional no Ceará**. Fortaleza: Casa de José de Alencar (UFC), 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os partidos políticos do Ceará**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.
- NOBRE, F. Silva. **1001 cearenses notáveis**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.
- NOBRE, Geraldo da Silva. **Introdução à História do Jornalismo Cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc, 2006.
- SALGADO, José Ronaldo Aguiar. **Ceará e Mídia: anotações sobre a imprensa cearense**. In: CARVALHO, Gilmar (org). Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.